

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS PEQUENOS GRANDES MUNDOS DE NICOLAS PHILIBERT
6 e 14 de novembro de 2023

NENETTE / 2010

um filme de Nicolas Philibert

Realização e montagem: Nicholas Philibert / *Direção de Fotografia:* Katell Djian, Nicolas Philibert / *Som:* Laurent Gabiot / *Música:* Pascal Gallois, Philippe Hersant.

Produção: Les Films d'Ici / *Produtor:* Serge Lalou / *Cópia:* DCP, a cores, versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 70 minutos / *Estreia mundial:* 15 de fevereiro de 2010 (Festival Internacional de Cinema de Berlim) / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

com a presença de Nicolas Philibert na sessão de dia 6

Os olhos do animal, quando consideram o homem, estão atentos e desconfiados. Esse animal pode perfeitamente olhar outras espécies do mesmo modo. Não dedica um olhar particular ao homem. Mas nenhuma espécie a não ser o homem reconhecerá o olhar do animal como sendo-lhe familiar. Outros animais são dominados pelo olhar. O homem torna-se consciente de si mesmo ao devolver o olhar.

John Berger, in *Porquê Olhar os Animais?* (Antígona, 2020, tradução portuguesa de Jorge Leandro Rosa)

Atravessada pela centralidade dada a lugares específicos, bem delimitados e com uma evidente especificidade funcional (uma escola em **Être et avoir**, um museu em **La ville Louvre** e um centro de dia em **Sur l'Adamant**, para referir apenas três exemplos), a obra de Nicolas Philibert terá em **Nenette** a demonstração mais radical das virtudes de uma metodologia e de uma ética de documentário. O dispositivo do filme não poderia ser mais despojado: quase nada mais há para ver ao longo dos seus 70 minutos do que a oragotango fêmea que dá título ao filme e que é uma das mais antigas habitantes do jardim zoológico parisiense Jardins des Plantes (onde, aliás, ainda vive). Mas enquanto na imagem observamos sempre Nenette e os seus companheiros de cativeiro ao longo de dias sempre iguais, na banda som temos uma multiplicidade de ruídos e vozes ocorridos no seu exacto contracampo e dos quais nunca vemos a fonte (excepto por alguns fugazes reflexos de vultos no vidro da jaula): conversas entre visitantes do zoo, testemunhos dos tratadores, gritos infantis, monólogos dirigidos a Nenette, música ambiente, etc. Tal como Nenette, na imagem estamos sempre num presente entediante e nunca saímos da jaula, mas no som *off* temos toda uma outra história (Philibert referiu em entrevistas ter começado a montar o filme precisamente pelo som), a qual nos permite reconstituir a sua vida e conhecer a sua, digamos, personalidade. É nesse jogo cruzado entre a imagem de um animal selvagem silencioso e enclausurado - e que, embora permanentemente observado, permanece sempre imperscrutável - e os múltiplos discursos que comentam, descrevem e explicam o seu temperamento e comportamento, que o enigma de Nenette enquanto personagem não-humana ganha força e a nossa própria noção de humanidade é basculada. A extraordinária abertura do filme é todo um programa cinematográfico sobre a relação homem-animal (e, em sentido mais geral, também sobre uma ideia central em

documentário que é a questão da inevitável assimetria - de poder e não só - entre quem vê e quem é visto) através de uma inversão do sentido habitual dos olhares. Nesse longo plano construído como um *regard-caméra*, simultaneamente vemos Nenette e somos vistos por ela (ou, pelo menos, sentimo-nos interpelados pelo seu olhar). Cruzando uma fronteira invisível entre animais humanos e não-humanos, a intensidade do olhar de Nenette sobre nós remete-nos à nossa própria condição de animais observados por um animal de uma outra espécie. A partir daí, todo o filme se desenrola como um notável ensaio sobre o lugar do zoo como reencenação nostálgica - e inevitavelmente falhada - de uma antiga ligação primordial existente entre animais e humanos. Nesse sentido, e procurando antecedentes cinematográficos para o gesto de Philibert, **Nenette** terá menos a ver com a abordagem de Bert Haanstra ou de Frederic Wiseman ao mesmo espaço institucional em dois filmes com o mesmo título (**Zoo**, respectivamente de 1961 e 1993, e que eram essencialmente sobre as formas que o comportamento humano assume quando confrontado com a experiência dos animais em cativeiro), do que com outras experiências que tentam colocar-nos perante essa alteridade absoluta do ser animal como o são os singularíssimos **Sweet Grass** (Ilisa Barbash e Lucien Castaing-Taylor, 2009) e **Ming of Harlem** (Phillipe Warnell, 2014).

Não diferindo em nada do habitual processo de trabalho nos seus outros filmes, Philibert coloca o seu encontro com Nenette sob o signo da total disponibilidade para olhar e para ouvir que são determinantes para a riqueza e complexidade dessa obra (cuja aparente ligeireza e simplicidade formal, sem nada comprometer, lhe granjearam muitos espectadores fora do circuito mais estrito do documentário). “Quando começo um filme, nunca sei muito bem qual é o seu tema. De resto, pouco me importa! Não procuro documentar-me, não consulto os especialistas, não leio nada sobre ele. Parto de um não-saber. Da minha própria ignorância. Em suma, quanto menos souber sobre o assunto em questão melhor me saio! É a maneira mais segura de deixar todo o terreno livre à minha subjectividade”, disse ele numa conferência em 2003. A abertura e a generosidade dessa atitude de “escuta” e a qualidade da sua posterior articulação num objecto cinematográfico são as traves-mestras de um cinema filiado na melhor tradição do cinema directo. A obra de Philibert encontra a sua maior força na capacidade do realizador - partindo sempre de elementos muito concretos e de um olhar essencialmente observacional (mesmo quando essa “realidade” é, como aqui, subtilmente encenada) - atingir um grau de abstracção no tratamento do seu tema aparente que permite fazer emergir em cada filme um tema mais profundo, assim alcançando uma dimensão metafórica e universal que consegue reenviar-nos para nós próprios e para a condição humana. Se, desde a sua origem, um dos grandes poderes do documentário consistiu na capacidade de mudar e alargar a nossa compreensão do mundo (quer tornando o excessivamente familiar em algo de novo quer aproximando-nos de algo de que estávamos mais longe), todos os filmes de Philibert são uma ilustração do tremendo potencial revelador do documentário. E talvez seja em **Nenette** que essa “missão” tenha sido levada mais longe.

Nuno Sena